

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

OUT OF BODY

"A arte como meio expositor das sensações"

POR ANA CAROLINA CRUZ VASCONCELLOS

CAMPINAS, 2022

OUT OF BODY

“A arte como meio expositor das sensações”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), a fim de atender aos requisitos especificados para a obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais e Tecnologia.

Orientadora: Profa. Me. Andreia Cristina Dulianel

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313 Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

709.040752Vasconcellos, Ana Carolina Cruz
V331o

OUT OF BODY: "a arte como meio expositor das sensações" / Ana Carolina Cruz
Vasconcellos. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

45 f.: il.

Orientador: Andreia Cristina Dulianel.

TCC (Bacharelado em Artes Visuais) - Faculdade de Artes Visuais, Centro de
Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas,
2022.

Inclui bibliografia.

1. Linguagem corporal na arte. 2. Expressão corporal. 3. Arte - Corpo. I. Dulianel,
Andreia Cristina. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de
Linguagem e Comunicação. Faculdade de Artes Visuais. III. Título.

CDD - 22. ed. 709.040752

FOLHA DE APROVAÇÃO

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa e obras à todos aqueles que um dia sentiram o *aperto invisível* da vida.

Para os que continuaram a senti-lo, e ainda assim seguiram seus caminhos, dançando, caminhando e tropeçando; mas *iluminando* cada canto escuro, entre sorrisos e lágrimas.

Por último, embora não menos importante:

à pequena Ana, que há tanto não imaginava que sobreviveria ao *caos*.

E aos meus *pais*,

que tanto compartilharam comigo.

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos, que compartilharam de suas vivências e confiaram em minha pesquisa e em nossa amizade.

À metade de meu coração, que se encontra tão longe, mas sempre fez-se tão perto.

À Ju e Bruna, que foram modelos absolutamente perfeitas, e amigas melhores ainda.

À Andreia Dulianel, querida orientadora, que me ajudou a ver as possibilidades infinitas deste trabalho.

E à Artur, que através de uma longa estrada me ajudou a reconhecer a *coragem atrás do medo*.

RESUMO

O presente trabalho trata de uma investigação artística que aborda o uso das artes visuais como meio expositor das sensações, utilizando de fotografia digital, obra colaborativa e vídeo-performance, que complementam a pesquisa em arte, em seus aspectos teóricos e práticos.

A partir da exploração da temática sensorial, as obras visam as condições de saúde mental como Ansiedade, Síndrome do Pânico e Depressão, além da Epilepsia, através de um viés artístico diversificado.

PALAVRAS-CHAVE

Sensorial; corpóreo; processo de criação; narrativa visual; epilepsia.

ABSTRACT

The present work deals with an artistic investigation that addresses the use of the visual arts as a means of exposing sensations, using digital photography, interactive works and video-performance, which complement research in art, in its theoretical and practical aspects.

From the exploration of the sensorial theme, the works aim at mental health conditions such as Anxiety, Panic Disorder and Depression, in addition to Epilepsy, through a diversified artistic bias.

KEY WORDS

Sensory; corporeal; creation process; visual narrative; epilepsy.



OUTROS

FOLHA DE ROSTO

FOLHA DE APROVAÇÃO

DEDICATÓRIAS E AGRADECIMENTOS

RESUMO E PALAVRAS-CHAVE/ABSTRACT AND KEYWORDS

FICHA CATALOGRÁFICA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
RELATO SOBRE A TEMÁTICA.....	5
UTILIZANDO A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA COMO JANELA ARTÍSTICA.....	6
ROTEIRO CENOGRÁFICO: DESCRIÇÕES INICIAIS [ATO I,II e III].....	7
SOBRE DESCOBERTAS E PROCESSOS.....	8
SESSÕES.....	10
O CONCEITO NA PRÁTICA: FORMAS PARA SENSações.....	11
CONEXÕES.....	26
RECURSOS E REFERÊNCIAS VISUAIS.....	27
ADENTRANDO O UNIVERSO DO MULTISSENSORIAL.....	32
CRIANDO CORPOS PARA O INVISÍVEL.....	33
JANELAS ABERTAS E PONTES CRUZADAS: OLHARES EXTERNOS.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
APÊNDICE: REGISTROS TEXTUAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	44

ÍNDICE IMAGÉTICO

Figura 1. "Francesca Woodman"	2
Figura 2. "Plastic"	3
Figura 3. Figura-corpo"	8
Figura 4. "Paralisia"	9
Figura 5. "1.VIDA"	11
Figura 6. "2.FRAGMENTO"	12
Figura 7. "3[IR]REALIDADE"	13
Figura 8 "4.EMBARAÇOS"	14
Figura 9. "4.1. EMBARAÇOS"	15
Figura 10. "5.TORMENTA"	16
Figuras 11 e 12. "imprisoned by dark"	17
Figuras 13 e 14. "Feels Like"	18
Figura 15. "Josephine Cardin"	19
Figura 16. "6.OXIGÊNIO"	20
Figura 17. "6.1. OXIGÊNIO"	21
Figura 18."7. IN[VOLUNTÁRIO]"	22
Figura 19. "8.ESQUECIMENTO"	23
Figura 20. "9. DESVANECER"	25
Figura 21. "10.ABISMO"	26
Figura 22. "Prisoner of my Own"	28
Figura 23. "Untitled"	29
Figura 24. "The Adoration of the Magi"	30
Figura 25. "PLASTIC QUEEN"	31
Figura 26. "Crow, the Raven said"	32
Figura 27. Bastidores e preparação"	33
Figura 28. "A-LUSÃO, frame 1"	34
Figura 29. "A-LUSÃO, frame 2"	35
Figura 30. "A-LUSÃO, frame 3"	36
Figura 31. "Atos I, II e III"	38
Figura 32. Atos I,II e III" e "AMARRAS?"	39
Figura 33."Close dos Atos I, II e III"	40
Figura 34. "Instalação OUT OF BODY. Atos I, II e II; AMARRAS? e A-LUSÃO."	41



INTRODUÇÃO

Como compreendemos as sensações?. Como definir o que é uma sensação? Seriam tais eventos apenas físicos, psicológicos, ou emocionais?

Ao refletirmos acerca do sentir é inevitável que em algum momento, nos encontremos diante de dois universos sensoriais únicos, que se completam ao se projetarem em nossas vidas de formas singulares e divergentes. E para falar sobre o sensorial, precisamos estar aptos a visualizar as partes destes universos “invisíveis” que se fazem tão presentes quanto podemos perceber. Tendenciamos ao ato de ignorar uma ou mais partes destes universos com a finalidade de torná-los menores e menos palpáveis, ação que por fim, resulta em uma imersão física e psicológica além das barreiras de nossa compreensão.

Retornando à reflexão acerca das sensações e seus universos, primeiramente temos de considerar uma possível sequência de eventos desencadeados, ou até mesmo, conectados. Uma série de ações e reações que se faz ampla e divergente em cada indivíduo. Pele, ossos, nervos, músculos. A mente, as emoções, os cinco sentidos. Desta forma, pergunto: qual universo se projeta primeiro? É possível separar cada um dos aspectos que ecoam em nossos corpos? Sequenciá-los ou enumerá-los?

Em uma perspectiva geral, a resposta para esta pergunta é simples: não há certeza. Seria possível, por definição, compreender e enxergar as sensações como uma colisão caótica e - ainda harmoniosa - de ambos os universos?

Partindo através destes questionamentos, esta pesquisa artística visou não uma ou várias respostas para estas demandas, mas, a disposição de novos ângulos de compreensão tanto nos meios teóricos quanto práticos.

Assim como Rey explica em “Meio como ponto Zero” (2002), [...] “o artista deve estar inserido como um investigador da sua própria arte e da cultura ao seu redor” [...], pois, [...] “para a pesquisa, muito mais importante do que achar as respostas é saber onde colocar as perguntas” [...] (REY, 2002, p.127).

Ao entrarmos na realidade das sensações, pisamos em um território infinito, rico e pouco explorado. Com um olhar que vai além das temáticas introduzidas como doenças erráticas e incapacitantes, tanto a pesquisa quanto o projeto “OUT OF BODY” buscam retratar cenas reais, intensas, belas e humanizadas.

O entrelaçar da metodologia artística e teórica ocorre naturalmente através de diversos testes, um processo de “refinamento conceitual” que instalou-se no projeto, abrindo espaço para outras perspectivas e ressignificações do próprio conceito original, tal qual sobre as obras desenvolvidas, assim como chamado por Rey [...] “acazos que direcionam o projeto em direções opostas, ainda que complementares.” [...] (REY, 2002, p. 127), dado que as temáticas abordadas podem ser compreendidas com uma visão geral de pensamentos desestruturados e caóticos da consciência, que por sua vez causam a “ausência” de instintos do inconsciente.

O objetivo principal desta pesquisa é dar os primeiros passos dentro do território das sensações, que como citado anteriormente, possui inúmeras possibilidades e nos proporciona uma quantidade demasiada de material criativo. Aqui, encontramos um corpo para o invisível e o inefável que vaga entre a superfície e a profundidade em nossa consciência e inconsciência. Tal como um novo meio de linguagem, uma mensagem criptografada entre mente e corpo, entre o que se vê e o que se sente, ressoando em cada obra e em cada olhar que atravessam as janelas de contexto criadas.

Através da narrativa de Delleuze em “Francis Bacon: A Lógica da Sensação” (2007), somos lembrados de que Cézanne ressignificou um dos sentimentos mais comuns para nós, seres humanos: o ato de sentir e perceber. Cézanne “nomeou” a reação psicológica e física como *sensação*, já que para ele, a figura:

[...] “é a forma sensível referida à sensação: ela reage imediatamente sobre o sistema nervoso, que é carne, enquanto a forma abstrata se dirige ao cérebro e age por intermédio do cérebro.” [...] (DELLEUZE, 2007, p.42).

Delleuze também adiciona novas perspectivas ao se referir à sensação como [...] “o contrário do fácil e do lugar comum.” [...] (DELLEUZE, 2007, p.42), interligando a definição feita por Cézanne, ao nos levar a compreender que a sensação é um movimento vital, um instinto de cada um de nossos universos sensoriais.

A linguagem fotográfica entra como um meio para criar retratos expressivos e profundos, divididos em três atos que seguem um roteiro pré-estabelecido durante as fases iniciais do projeto. A utilização da fotografia foi deliberadamente um meio mais eficiente e completo para que o processo de criação se tornasse dinâmico e resultasse em infinitas possibilidades de transmutação imagética e estética através das edições que viriam a ser realizadas durante a pós-produção.

O desenvolvimento dos testes iniciais fora realizado como uma auto performance, uma vez que, como a figura-corpo/objeto com maior vivência de minha pesquisa, precisei obter ângulos de compreensão que migrassem do pessoal para o profissional. Com referências de movimentos utilizados nas técnicas de dança contemporânea (McDOWALL, 2012) e outras referências artísticas, testei poses, gestos e expressões, encontrados em trabalhos de artistas contemporâneos de diversas vertentes. Por fim, as influências que constituíram maior presença foram Josephine Cardin (1980) e Francesca Woodman (1958-1981) - artistas que tornaram a compreensão de meus objetivos de criação muito mais claros, através da dança entre a simplicidade e a complexidade de suas obras e das poéticas exercidas de forma singular ao expressar as emoções e sensações, convidando o espectador à cenários imersivos.

Woodman criava cenas enérgicas e tensas, com tons de mistério, mantendo sempre uma forte presença acerca do feminino, trazendo reflexões e revolta, assim como liberdade e solidão, enquanto Cardin cria imagens com harmonia, movimento, leveza, e ainda assim, transparência, ao abordar temas delicados relacionados à saúde mental, como em sua série "*Feels Like*" (2015) que aborda a Síndrome do Pânico e todas as sensações físicas e psicológicas existentes em um indivíduo que convive com a condição.



Figura 1. "Francesca Woodman" (1958-1981)

A paleta de cores deste trabalho percorre o claro e o escuro gradualmente, intercalando tonalidades e ligando-as às sensações, passando por tons quentes e frios e finalizando na "ausência" de cores, criando uma ênfase visual tanto na figura quanto na narrativa criada.

A gama de caminhos possíveis através da linguagem fotográfica é infinita, mas é evidente que, ainda que muito seja possível, assimilar com sucesso um ou mais objetivos poéticos e artísticos, não é uma tarefa simples. Em uma citação de Baudelaire, Dubois explica que:

[...] "A fotografia pode ser vista como uma simples ferramenta de uma memória documental e a arte como pura criação imaginária." [...] (DUBOIS, 2015, pp. 29-30) e que a mesma também pode ser categorizada como [...] "uma testemunha do que foi" [...] (DUBOIS, 2015, p.30).

Algo que nesta pesquisa faz-se presente por intermédio da transmutação da arte como obra e documento, uma vez que o objetivo é demonstrar a existência das sensações.

Desde o momento inicial da concepção teórica deste trabalho artístico, busquei incluir meus futuros espectadores em certas partes do trabalho exposto. Mas como encontrar tais artifícios de maneira objetiva ao seguir o caminho do sensorial? Tais questionamentos não se mostraram fáceis de solucionar.

Ainda que tenha encontrado certas soluções e inspirações para minha instalação, a busca pela materialidade mais palpável possível para representar a Epilepsia continuava. *Como trazer um turbilhão invisível tão específico e por muito, indescritível, aos olhos externos?*



Figura 2. "Plastic". Carolina Vasconcellos, 2022. Fotografia Digital. Acervo Pessoal.

Os acasos criativos e as reflexões pessoais me levaram à tal direção: encontrar aquilo que *ressoasse* para mim, e transmutar este sentimento para os olhos de outro alguém. Afinal, como Fayga Ostrower questiona em “Acasos e Criação Artística”, [...] “não captamos nestes estranhos acasos, ecos de nosso próprio ser invisível?” [...] (OSTROWER, 1995, p.01).

Em vias de ressignificar e complementar a instalação, a pesquisa foi direcionada para o uso da linguagem do audiovisual e da vídeo performance. Em “A-LUSÃO”, as performances constituem uma sintonia marcante, leve, fluída e íntima, intercalando-se com pequenos momentos - *vislumbres, memórias erráticas* - que relembram os Atos I, II e III, buscando construir uma relação de respiro e conforto visual e emocional.

A obra em específico pode ser interpretada como uma releitura, uma “alusão” à dupla realidade de vivências entre corpo e mente, ação e reação, e o perceber e o sentir, intermediando o fechamento do ciclo entre as três obras.

Em suma, a elaboração conceitual final acerca da instalação abriu um espaço maior para a contemplação e interpretação livre de cada um dos espectadores que por ali passariam, observando tanto a sequência fotográfica (Atos I, II e III) quanto a vídeo performance (A-LUSÃO) e por fim, o material pelo qual tanto busquei para representar a Epilepsia: as cordas, presentes nas fotografias e disponíveis para interação livre do espectador na obra colaborativa “AMARRAS?”, que poderia explorar o controle, ou, em tal caso, a falta dele.



RELATO SOBRE A TEMÁTICA

Para construir a pesquisa sobre as temáticas, um roteiro cenográfico foi estabelecido a partir de minhas experiências pessoais, pesquisas teóricas e relatos de indivíduos próximos acerca das sensações que vivenciaram, além de trazer uma perspectiva pessoal sobre a aura epiléptica.

Desta forma, iniciei um relato acerca da complexidade de sensações únicas e inefáveis, buscando meios de executar tal tarefa partindo do princípio de que toda vivência é única. As conversas com colegas próximos me permitiram obter uma ampla perspectiva do sentir, criando uma consciência mais clara e palpável sobre o que gostaria de fotografar e, conseqüentemente, como poderia explorar tais emoções através de uma poética visual.

Como Delleuze nos relata em “Francis Bacon: A Lógica da Sensação” (2007), podemos compreender o corpo como meio condutor da sensação, uma janela envolta em transparência para o sentir da carne, para a sensibilidade do movimento enquanto instinto natural criando formas abstratas de sensações levadas tanto ao sistema nervoso quanto ao cérebro. E, ao considerar a figura-corpo como janela para os sentidos, faz-se possível entender as sensações como um fenômeno, físico e extracorpóreo, uma vez que: [...] “Há duas maneiras de ultrapassar a figuração (tanto ilustrativo quanto narrativo): em direção às formas abstratas, ou em direção à Figura.” [...] (DELLEUZE, 2007,p.42). Assim, Delleuze explica que Cézanne nomeou tal “ação” como “sensação”, o ato de sentir e perceber, pois a figura:

[...] “é a forma sensível referida à sensação: ela reage imediatamente sobre o sistema nervoso, que é carne, enquanto a forma abstrata se dirige ao cérebro e age por intermédio do cérebro.” [...] (DELLEUZE, 2007, p.42).

Delleuze também define a sensação como [...] “o contrário do fácil e do lugar comum.” [...] (DELLEUZE, 2007, p.42), interligando a definição do sentir feita por Cézanne, que se torna um movimento vital, um instinto de cada um de nossos universos sensoriais. Sendo assim:

[...] “A sensação tem um lado voltado para o sujeito (sistema nervoso, movimento vital, instinto e temperamento) [...], [...] “e um lado voltado para o objeto (“o fato”, o lugar e o acontecimento).” [...], [...] “é o ser-no-mundo, como dizem os fenomenólogos: ao mesmo tempo que eu me torno a sensação, e alguma coisa acontece pela sensação, um pelo outro e um no outro. Em última análise, é o mesmo corpo que dá e recebe a sensação, que é tanto a figura do objeto quanto do sujeito” [...] (DELLEUZE, 2007, p.42).

Tal citação nos mostra que torna-se possível a criação de uma ponte entre a figura-corpo e o espectador, levando-o a seguir uma imersão visual, tátil e auditiva através de recursos multimídias como projeções visuais que carregam auto performances, objetos e sons que se adaptem dentro do contexto das obras.



UTILIZANDO A LINGUAGEM
FOTOGRAFICA COMO
JANELA ARTÍSTICA

A escolha da linguagem fotográfica como meio artístico, deu-se devido a identificação pessoal e artística com a técnica, uma vez que a partir de uma ou mais imagens, gera-se uma infinidade de possibilidades para transmitir emoções, beleza, conceitos, mensagens, entre outros, além de ser uma ferramenta que cria tais pontes para explorar o invisível, o não dito e o dito, tanto dentro quanto fora de um estúdio. E assim, com parte de meu conceito e pesquisa teórica em sincronia, dei início à pesquisa prática, realizando testes e construindo parte dos retratos no estúdio cedido pelo Laboratório de Fotografia, seguindo o roteiro cenográfico e alcançando a objetividade visual acerca da temática e seus subtemas, condicionando perspectivas abrangentes sobre as sensações físicas e psicológicas em cada retrato.

Para dar nomes as fotografias dos três atos, busquei uma conexão contextual com as imagens, caminhando gradualmente à partir de representações visuais onde as figuras mostram-se conscientes de seus corpos e de suas sensações, passando por calma, controle, aterramento, autonomia e chegando à despersonalização, descontrole, pânico, medo, desorientação mental, física, entre outros, formando os três atos abaixo:

ATO I	ATO II	ATO II
VIDA	EMBARAÇOS	IN[VOLUNTÁRIO]
FRAGMENTO	TORMENTA	ESQUECIMENTO
[IR]REALIDADE	OXIGÊNIO	DESVANECER
		ABISMO



DO ROTEIRO CENOGRÁFICO:
DESCRIÇÕES INICIAIS

ATO I

1. VIDA

Aborda as sensações físicas e psicológicas de calma, consciência e tranquilidade, em um retrato construído com tonalidades leves, cores quentes e vibrantes. Trata-se de um contexto convidativo e harmonioso para o espectador ao retratar aspectos de conforto emocional e visual.

2. FRAGMENTO

Dando continuidade às representações das sensações introduzidas em (1.VIDA), o roteiro segue explorando a comunicação sensorial através do toque delicado entre ambas as mãos, ainda constituindo um contexto de harmonia e conforto, assim como na imagem inicial.

3. [IR]REALIDADE

Nesta parte, a narrativa buscará introduzir o início de uma construção visual da sensação de incerteza e incômodo no corpo, retratando também uma fuga mental da realidade que conecta a figura à despersonalização. A cena tem o objetivo de levar o espectador a questionar-se de que algo está acontecendo.

ATO II

4. EMBARAÇOS

Seguindo os acontecimentos das imagens 1, 2 e 3 a narrativa entra em seu segundo ato, desenvolvendo-se com maiores detalhes em relação às sensações físicas e emoções representadas. Torna-se possível perceber o constructo de sensações como medo e pânico, dando espaço para que a figura e para que as expressões corporais possam ser trabalhadas a fim de introduzir as diversas camadas relacionadas às sensações abordadas.

5. TORMENTA

Nesta parte da narrativa, temos um retrato mais detalhado das sensações ligadas à desorientação mental. Aqui, a figura é retratada através do viés artístico de um grito interno que não se cala, ressaltados pelas cores vermelho e laranja, em uma dupla exposição que introduz movimento na figura.

6. OXIGÊNIO e 6.1

Antecipando a obra mais significativa da narrativa, temos a representação da sensação de alívio que se ausenta por completo nas figuras. Existem fortes indícios de sensações como sufocamento, desespero e solidão mostrando-se presentes, levando a sequência a um pré-ápice narrativo.

ATO III

7. IN[VOLUNTÁRIO] - OBRA PRINCIPAL

Neste momento, temos construção de uma cena onde a figura perde seus sentidos, controlada por cordas suspensas, como uma marionete, que é puxada e controlada por forças invisíveis ao seu redor em referência as sensações causadas pela Epilepsia e pela Síndrome do Pânico.

8. ESQUECIMENTO

Assemelhando-se à imagem 7 IN[VOLUNTÁRIO], a narrativa segue retratando uma figura no auge de seu esforço final em uma tentativa de agarrar-se em um resquício de autocontrole ainda que beire a exaustão.

9. DESVANECER

No penúltimo ato da narrativa, a poética se concentra em um close-up de três partes, representando os três atos em um momento de consciência, inconsciência, e por fim, exaustão.

10. ABISMO

Por fim, esta fotografia apresenta um quadro completamente imerso em escuridão, representando o “desligamento” do corpo, a perda de consciência, a inexistência de si mesmo, com uma figura que afunda em seu próprio abismo ao demonstrar a permanência das cordas, exibidas anteriormente, como um símbolo de um ciclo que se encerra e que continua infinitamente.



SOBRE DESCOBERTAS
E PROCESSOS

Inicialmente, realizei alguns testes utilizando o equipamento adquirido no Laboratório de Fotografia da PUC. No entanto, a execução dos testes não se desenvolveu como o esperado devido à falta de um equipamento que controlasse o timer da câmera de longe, então optei por manter a realização das fotografias com as colegas que seriam modelos.

Ainda que não tenha obtido os resultados esperados com os testes fora do estúdio, pude criar uma percepção mais afluada acerca do caminho pelo qual iria seguir e assim, adaptar os conceitos para a sessão que viria em seguida.

Para realizar os testes, utilizei a câmera de meu celular (SAMSUNG A30S), que possuía a configuração do timer mais próximo ao que eu necessitava no momento, através do qual pude realizar alguns registros performáticos para serem usados como referências futuras, como pode ser observado nas figuras 3 e 4.



Figura 3. "Figura-corpo". Carolina Vasconcellos, 2022. Fotografia Digital, março de 2022.

Nas fotografias "*Figura-corpo*" e "*Paralisia*", 2022 (figura 3 e 4), procurei construir alguns dos conceitos relacionados às sensações e emoções que tinha em mente, como agonia e pânico, retratados na figura 3, por exemplo, para que desta maneira eu pudesse ter uma perspectiva mais ampla quando fosse realizar as sessões com as modelos em estúdio, dado que neste período da pesquisa eu não possuía uma imagem completamente formada de como os retratos seriam compostos.

Para que este processo ocorresse, tentei manter uma movimentação corporal livre, uma vez que a auto performance seria uma peça-chave para que eu pudesse compreender como seria essa representação do corpo como figura, como janela para as sensações que eu buscava retratar. Inspirando-me em movimentos utilizados pela dança contemporânea (McDOWALL, 2012), iniciei uma gravação de vídeo e permiti que meus movimentos fluíssem naturalmente, a fim de conseguir obter alguma proximidade com as temáticas abordadas.



Figura 4. "*Paralisia*". Carolina Vasconcellos. Fotografia Digital, março de 2022.



SESSÕES

Como mencionado acerca de minhas intenções, utilizei os equipamentos e estúdio fornecidos pelo Laboratório de Fotografia do CLC, além de alguns materiais levados para criar os retratos. Para a primeira sessão, foram escolhidas as sequências de 1 a 5 [atos I e II] abordando a transição de um cenário de normalidade para o início de uma mudança na figura, seguindo com a continuidade das sequências de 6 a 10 [atos II e III] na segunda sessão, onde já podemos perceber uma mudança nítida nas cenas que se passam.

SESSÃO 01

Modelo: Juliana Cecon. Sessão realizada em 13 de abril de 2022, utilizando elementos cenográficos como lenços sem estampa de diversos tipos de tecido, echarpes com rendas, maquiagem artística, e plástico celofane amarelo. Para captura das imagens, instiguei a modelo a fazer movimentos de dança contemporânea e teatro.

SESSÃO 02

Modelo: Bruna Montanari. Sessão realizada em 27 de abril de 2022. Elementos utilizados: plástico filme transparente, cordas desfiadas no tom bege, linha de tricô, tecidos diversos, maquiagem corporal, etc.



O CONCEITO NA PRÁTICA:
FORMAS PARA SENSACÕES



Pensando na temática estabelecida para a *figura 5*, iniciei a sessão buscando retratar a leveza no corpo e nas expressões, de forma a fazer com que a figura transmitisse as sensações de consciência de seu próprio corpo, além de calma e controle.

Para isso, pedi à modelo que se movimentasse livremente, fazendo uso de seus conhecimentos pessoais de teatro e dança contemporânea. Os registros foram feitos rapidamente, com flash e fundo branco para trazer mais definição e luz ao corpo, criando o aspecto de nitidez.

Na pós-produção, optei por filtros de cor e tonalidades mais claras, com o objetivo de manter o aspecto de tranquilidade através das cores escolhidas, como o amarelo, vermelho e branco. As sombras na figura são acentuadas apenas a fim de resultar em um maior destaque para as áreas de luz e criar maiores contornos ao redor do corpo.

Figura 5. "1.VIDA".

ATO I. Carolina Vasconcellos, 2022. Fotografia Digital. Modelo: Juliana Cecon.



Na *figura 6*, há uma cena mais sutil uma vez que traz ao espectador a delicadeza do toque entre ambas as mãos, demonstrando a fixação da figura pela reafirmação de seu corpo, ainda que envolta em um momento de ternura e consciência.

As cores seguem semelhantes à *figura 5*, buscando manter a expressão de conforto através das tonalidades quentes.

Figura 6 "2.FRAGMENTO".

ATO I. Carolina Vasconcellos, 2022. Fotografia Digital. Modelo: Juliana Cecon.



Já em oposição aos leves contrastes e luzes presentes nas figuras 5 e 6, a *figura 7* introduz texturas e cores mais vibrantes, reforçando a estética e a narrativa por trás da temática escolhida para o fim do ato I.

Através de sombreamentos mais visíveis, é possível explorar a dualidade apresentada pela figura no retrato, que agora adentra ao campo da incerteza e despersonalização, transitando atrás de um fino “véu” de um corpo consciente e firme, abrindo espaço para as sequências a seguir.

Nesta imagem trabalhei a edição criando ênfase aos contrastes e sombras, introduzindo uma tonalidade azul ao fundo como meio de expressar esta mudança nas sensações, mas ainda mantendo os tons quentes para retratar o apego das sensações expostas nas imagens anteriores.

Figura 7 . “3.[IR]REALIDADE”

ATO I. Carolina Vasconcellos, 2022. Fotografia Digital. Modelo: Juliana Cecon.



Neste momento da sequência da narrativa, aumentamos a movimentação do corpo e introduzimos mais expressões faciais para obter os resultados desejados através dos conhecimentos da modelo Juliana, explorando diversas facetas e ângulos.

Buscando ressaltar a imersão no estado de confusão mental, medo e descontrole, as sensações físicas tornam-se mais evidentes na figura, que agora traduz o aspecto de *desassociação* de sua persona de forma mais aparente.

Quanto à cor selecionada, optei por um azul intenso, quase roxo, instigando a quebra do conforto visual criado no Ato I, representando o que pode ser associado à melancolia, confusão, tristeza, perda, entre outros.

Além dos conhecimentos da modelo em cena, utilizei de algumas ferramentas de edição para celular como o aplicativo PicsArt, o que possibilitou retratar tais sensações de forma mais objetiva. O filtro utilizado se chama "Chopped", que dá à imagem o aspecto de estar "fatiada", separada. Escolhi este filtro por ser um retrato muito verídico à sensação de desassociação e de estar dentro e fora de seu próprio corpo, durante um ataque de pânico, crise de ansiedade ou até mesmo a aura epiléptica.

Figura 8. "4.EMBARAÇOS".



Ainda dentro da mesma temática (EMBARAÇOS), a *figura 9* acompanha a narrativa de uma perspectiva diferente. A imagem escolhida ainda é a mesma, mas o trabalho com as edições e a expressão facial e corporal presentes na imagem traduzem o tema de maneira muito mais intensa, transmutando a cena para a brutalidade, o perigo, medo, e a inquietude, que se tornam aspectos revigorados através da cor vermelha. A figura nos leva à crer que está sendo consumida por alerta, perigo, ansiedade, caos e pânico.

Novamente, utilizei o aplicativo PicsArt, porém desta vez, escolhi o filtro “Holga”, que cria uma dupla camada entre as fotografias, dando opções de direcionamento, quantidade de camadas a serem criadas, cores, sombras, exposição, entre outros.

Figura 9 “4.1.EMBARAÇOS”.

ATO I. Carolina Vasconcellos, 2022. Fotografia Digital. Modelo: Juliana Cecon.



Quando realizei a leitura do trecho escrito por Dubois, o qual afirma que [...] "a fotografia é considerada como a imitação mais perfeita da realidade" [...] (DUBOIS, 2015, p. 27) percebi a existência de uma profunda conexão com o trabalho realizado.

A *figura 10* possui um aprofundamento do conceito acerca da sensação da *perda de si mesmo*, o "estar submerso" em estados mentais de pânico ou medo, apresentados também por Cardin em seu trabalho "*Feels like*" e "*Imprisoned by dark*" (CARDIN, 2015), que evidencia uma tradução de sensações através do viés artístico de um terror psicológico que reverbera fisicamente na figura-corpo.

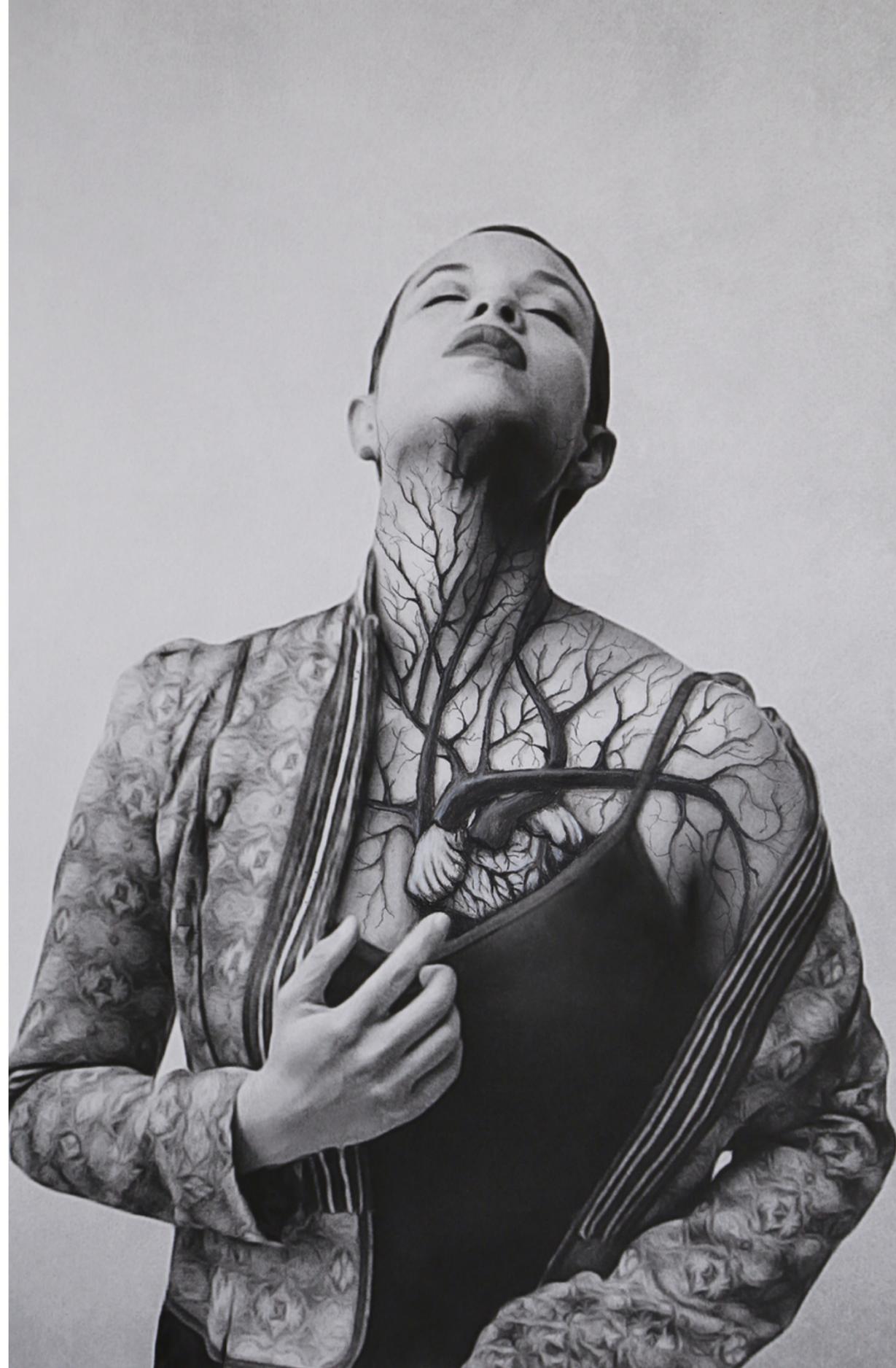
Não foi necessário fazer uso de edições para que este retrato se aproximasse mais da temática, uma vez que sua subjetividade para mim, enquanto artista, tornou-se clara.

Figura 10. "5.TORMENTA".

ATO II. Carolina Vasconcellos, 2022. Fotografia Digital. Modelo: Bruna Montanari.



Figuras 11 e 12.
Série fotográfica *"Imprisoned by Dark"*.
Josephine Cardin., 2015.
Fotografia digital e técnicas mistas.



Figuras 13 e 14.
Série fotográfica *"Feels Like"*
Josephine Cardin, 2015.
Fotografia digital e técnicas mistas.

Josephine Cardin consegue trazer aos olhos dos espectadores algo muito complexo de ser decifrado, de ser explicado. Suas obras tendem a ter uma profunda perturbação visual, psicológica e emocional, principalmente nesta série em que mistura fotografia e outras linguagens, como o desenho.

As obras de *"Feels Like"* retratam parte dos transtornos e sofrimentos da artista com a Síndrome do Pânico, demonstrando as sensações tanto físicas quanto psicológicas de forma natural e intensa. Cardin nos atinge com todas as forças, por todas as direções e atrai nosso olhar de forma delicada e brutal.



Figura 15. Josephine Cardin.



Antecipando o retrato mais significativo da narrativa, as *figuras 16 e 17* foram feitas para representar a ausência de oxigênio, apresentada através dos materiais que velam as modelos (tecido e plástico).

A estética é trabalhada como meio para dar ênfase às sensações como: solidão, terror, desespero e sufocamento. Na *figura 16*, utilizei de ajustes que incluíam uma vinheta suave na cor preta, a fim de criar um leve desbotamento das cores presentes, seguindo o conceito do roteiro.

O vermelho faz-se presente em poucas partes, exaltando o que podemos considerar o começo deste aspecto mais obscuro, mantendo o constructo visual da sensação de alerta e incômodo, caminhando em direção às fotografias em preto e branco, no último Ato.

Figura 16. "6.OXIGÊNIO".



Logo, a *figura 17* finaliza a transição visual iniciada na figura 16, introduzindo a ausência de cores, pois aqui a figura encontra-se completamente imersa em um ápice de sensações distintas, culminando no sentimento de um corpo enquanto jaula, enquanto prisão da qual não há escape ou alívio.

Figura 17. "6.1 OXIGÊNIO"

ATO II. Carolina Vasconcellos, 2022. Fotografia Digital. Modelo: Bruna Montanari.



Seguindo para o ápice do constructo representativo acerca das sensações, temos a *figura 18* (7.IN[VOLUNTÁRIO]), que mostra um corpo que agora aparece preso por cordas, incapaz de movimentar-se livremente.

Além de demonstrar a perda pela liberdade de movimentos físicos, a corda representa principalmente as amarras invisíveis de todas as condições trabalhadas na pesquisa, desta forma, servindo como item objetivo e subjetivo, ao mesmo tempo. Esta fotografia é a imagem da Epilepsia e do Pânico, regados ao descontrole e ao caos que exaure a figura em cada campo; físico e mental.

Por carregar tais significados complexos e delicados, optei por uma edição simples realizada no programa Adobe Photoshop Lightroom, onde aumentei os contrastes e diminuí os pontos de luz, a fim de dar maior ênfase ao contorno do corpo, ainda que em meio à escuridão, representando em um aspecto visual simples a ausência de esperança.

Figura 18. "7.IN[VOLUNTÁRIO]".

ATO III. Carolina Vasconcellos, 2022. Fotografia Digital. Modelo: Bruna Montanari.



Transportando-nos para um profundo cenário de solidão e desconexão da linha que segue corpo e mente, a *figura 19* (8.ESQUECIMENTO) dá continuidade na obra anterior ao ressaltar a ausência de controle apresentada na imagem anterior.

Aqui, adentramos à uma perspectiva de desaparecimento, de esquecimento da figura, da perda da conexão entre corpo e mente após os eventos relatados nas figuras imagéticas anteriores.

Ainda optando por uma edição simples, mantive o preto e branco, destacando a figura da mão e da corda em meio à escuridão através do contraste, ajustes de sombra, luz e exposição, dando ênfase nas mesmas para que se criasse a sensação de que o corpo está sendo “consumido” ou “absorvido” pela massa escura ao seu redor.

Figura 19. "8.ESQUECIMENTO"

Desejei utilizar o preto nas imagens anteriores para aprofundar seus significados visuais. A potência das imagens sem edições e filtros já mostrava-se significativa, mas, continuando com o conceito da composição fotográfica, evidenciar o claro e o escuro nestas figuras resultaria em um sentido muito maior para as sensações abordadas dentro de cada um dos temas.

Ao pensarmos no preto como a falta da luz, associamos a cor à ausência de cores, à escuridão e as sombras, a tristeza e dores, melancolias, vazios, e ao nada e ao tudo. Por isto, é possível compreender seu uso como um vínculo para o acúmulo das sensações físicas e psicológicas invisíveis tratadas através das expressões das modelos. Aqui, podemos dizer que tudo está e nada está presente, na imensidão vasta da obscuridade.

Em contrapartida, apesar da presença desta cor sombria, há muita luz, mesmo nas figuras mais escuras. O tom claro, a cor branca, que é luz e esperança, a união e a reflexão de todos os espectros de cor, representando vida, intensidade e o extrassensorial, o consciente inocente da alma.

Sua presença nestas obras tem como principal objetivo amenizar a intensidade de todas as outras cores, tonalidades, agindo também como um meio de fácil compreensão da transição entre o "bom" e o "ruim", o calmo e o agitado, a luz e a escuridão.

Aqui, esta cor é apresentada como uma ponte que serve de intermédio entre duas polaridades: a intensidade do vazio interior, da vida, da loucura e da solidão, e por outro lado, inocência, resignificação, transmutação.



Seguindo para a finalização do Ato III, a *figura 20* (9.DESVANECER) introduz o fim da narrativa onde a persona se encontra em seus "últimos momentos" de consciência, em seu último resquício de lucidez, cedendo à sua carga emocional, física e psicológica de sua trajetória.

Trata-se de uma imagem que representa os três atos através de closes focados na área dos olhos, que por muitos, são vistos como a "janela" da alma e das emoções. Esta imagem é um bom retrato dos três atos pois representa todo o percurso realizado pelas figuras através das sensações.

Como pode-se perceber, existe uma transição entre os aspectos de calma, consciência, para o incômodo, o caos, e por fim, o cansaço e a aceitação dos acontecimentos.

Figura 20. "9.DESVANECER"

ATO III. Carolina Vasconcellos, 2022. Fotografia Digital. Modelo: Bruna Montanari.



Por fim, a *figura 21*, (10. ABISMO) encerra a sequência visual com um quadro escuro e mais uma vez, reintroduzindo as cordas utilizadas nas figuras 18 e 19, sem a presença da figura-corpo ao seu redor.

Esta imagem carrega consigo a subjetividade do desaparecimento completo da persona, a imersão, o desligamento, o fim de um ciclo que não se interrompe e do qual não se escapa através de uma - ou mais amarras - que se mantêm invisíveis e recorrentes, indefinidamente.

Figura 21 . "10.ABISMO"

ATO III. Carolina Vasconcellos, 2022. Fotografia Digital. .



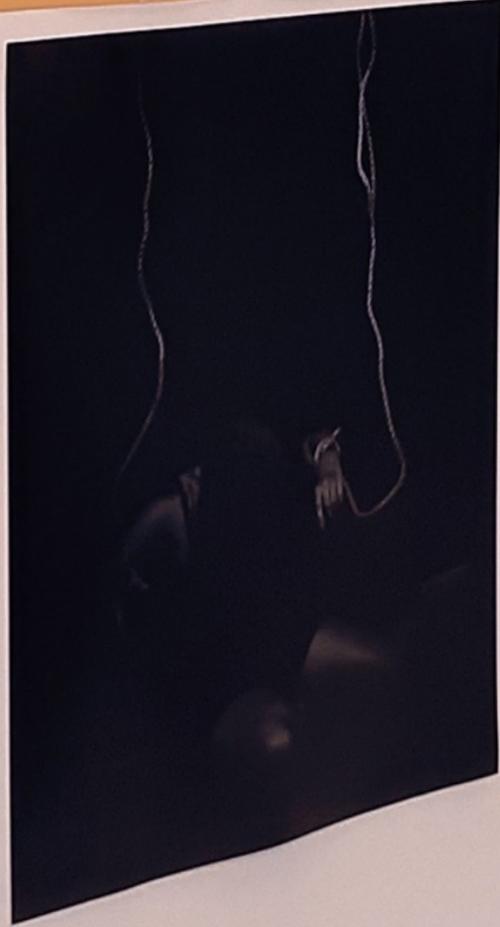
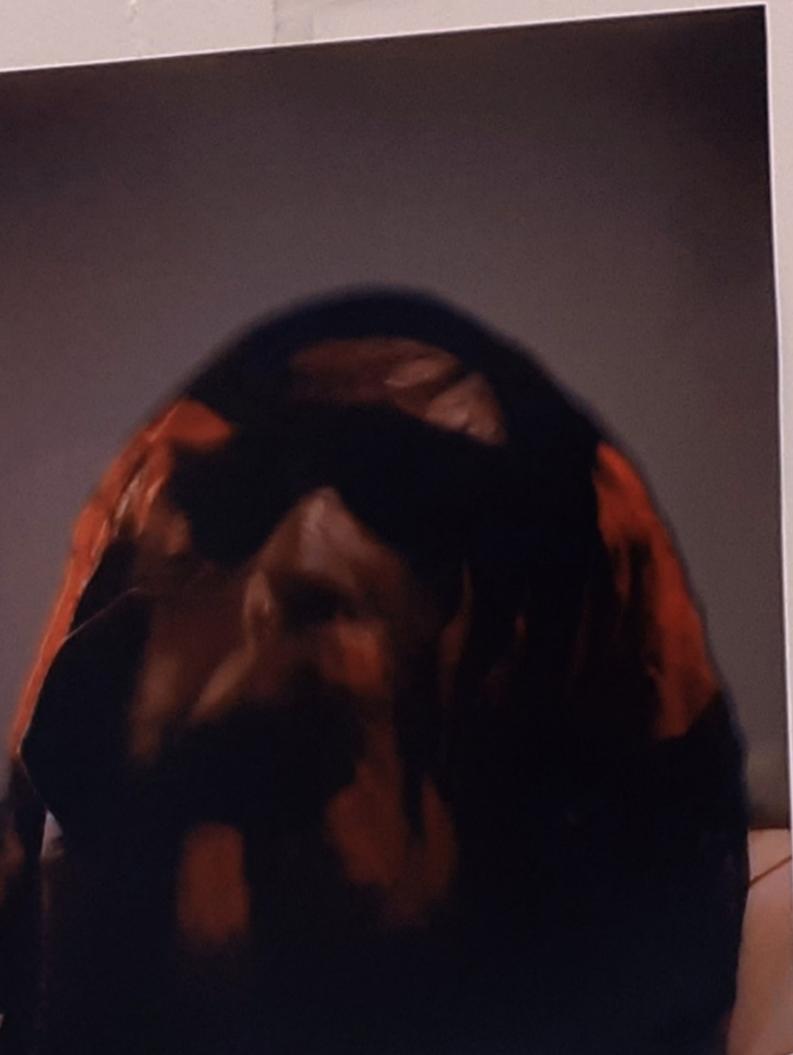
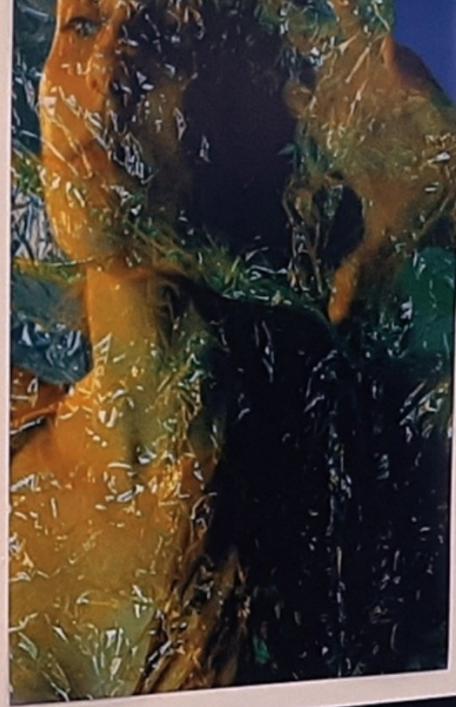
CONEXÕES

Através da transcrição de Dubois, compreende - se que [...] "A fotografia pode ser vista como uma simples ferramenta de uma memória documental e a arte como pura criação imaginária." [...] (DUBOIS, 2015, pp. 29-30) e que a mesma também pode ser categorizada como [...] "uma testemunha do que foi" [...] (DUBOIS, 2015, p.30).

Ainda em seus esclarecimentos acerca das reflexões ditas por Baudelaire, Dubois explica a ótica da fotografia como meio de conservação e um [...] "esforço para uma melhor apreensão da realidade do mundo." [...] (DUBOIS, 2015, p. 30). De modo geral, a linguagem mimética das fotografias digitais possibilitou que a narrativa deste trabalho se desenvolvesse de modo claro, assim como a foto [...] "opera na ausência do sujeito." [...] (DUBOIS, 2015, p. 32), não interpretando, selecionando ou ressignificando, mas, sendo regida apenas pela exatidão mimética da cena, do objeto ou do corpo. A gama de caminhos possíveis através da linguagem fotográfica é infinita, mas é evidente que, ainda que muito seja possível, assimilar com sucesso um ou mais objetivos poéticos e artísticos através da fotografia, não é uma tarefa simples. É necessário compreender e enxergar a fotografia como uma janela, um condutor para a expressão tanto da luz quanto da escuridão, assim como Dubois nos esclarece ao citar um texto de Lady Elizabeth Eastlake (1857):

[...] "Devemos nos lembrar de que a Natureza não é apenas feita de sombras e luzes verdadeiras, diretas; por trás dessas massas muito elementares, possui inúmeras luzes e meios-tons refletidos que brincam ao redor de cada objeto, arredondam as arestas mais cortantes, iluminam as zonas mais escuras, clareiam os locais cobertos de sombras." [...] (DUBOIS, 2015, p. 38).

Desta forma, busquei nas imagens criadas, dar espaço para a elaboração do que é invisível aos olhos, sendo um constructo corporal para o mesmo. O texto de Lady Elizabeth, citado por Dubois, corresponde não somente à técnica fotográfica, mas à imagem construída através da poética baseada em emoções e sensações, físicas e psicológicas, dois universos que se unem em um corpo gerando um campo sensorial.



RECURSOS E
REFERÊNCIAS VISUAIS



A pesquisa visual feita para este trabalho levou-me em diferentes direções. Pinturas, performances, videoarte, instalações interativas e não interativas, editoriais de moda, e por fim, retratos e outras fotografias artísticas de temáticas surrealistas.

As inspirações buscadas eram teoricamente simples: representações artísticas de sensações físicas e psicológicas. Como sabemos, a expressão das emoções existe na arte há milênios através de diferentes temas e épocas, mas, a representação do obscuro, do sentir invisível e da sensação desenvolveu-se de maneiras mais objetivas através da Arte Contemporânea e suas amplas subjetividades que não estão presas às limitações temáticas da sociedade, ou controladas por grandes instituições.

Figura 22. "Prisoner of my Own", por Rosie Hardy. 2015. Fotografia digital.



E para criar estes constructos imagéticos específicos fez-se necessário buscar sinônimos visuais além do comum, uma vez que algo novo e diferente precisaria ser criado para traduzir a pequena fração de sensações tão singulares.

Logo, busquei por obras e artistas que ressoassem dentro de minha perspectiva e compreensão como pessoa e como artista visual. Busquei por aqueles que não se prendem em quaisquer limitações ao expor o que há dentro de seus âmagos. Assim, encontrei Woodman, Cardin, Hardy, TOOMAS, entre outros.

Cardin e Woodman influenciaram-me com seus trabalhos de diferentes formas. Suas obras relatam suas vidas, fraquezas e alegrias, beleza e escuridão, coragem e medo, e suas singularidades poéticas. Como Yin e Yang, seus universos se colidem e se completam, em cores, formas, objetos, expressões, presença e ausência.



Os demais artistas aqui utilizados como referência serviram de grande inspiração para o elemento da fantasia e para um aspecto mais amplo em relação ao uso das cores

As obras de TOMAAS e Cardin brincam com as realidades, com a beleza e a fantasia, estimulando a imaginação do espectador.



Já com Turtaut e Ormando, continuamos no campo do mistério, mas temos a composição do belo e do estranho, como uma brincadeira coberta por leveza, mas recheada de significados. Deliberadamente, é a mensagem não dita de que há "mais do que os olhos podem ver", e que o estranho também pode ser belo em sua intensidade e sua verdade.



E através destes vieses, ressignifiquei minhas criações e minha própria compreensão acerca de minhas obras, de seus significados e da arte que consumi, nutrindo esta pesquisa com diferentes fontes contextuais por trás do sentir.



ADENTRANDO O UNIVERSO
DO MULTISSENSORIAL

Em meios de dar vida completa ao projeto, uma instalação foi construída com a finalidade de apresentar uma maior perspectiva visual para o observador, como discutido anteriormente.

Os questionamentos acerca da construção desta instalação direcionaram-me aos acasos criativos e as reflexões pessoais, que levaram-me à encontrar aquilo que ressoasse em significado para que eu pudesse transmutar este sentimento para os olhos de outro alguém.

Afinal, como Fayga Ostrower questiona em "Acasos e Criação Artística", [...] "não captamos nestes estranhos acasos, ecos de nosso próprio ser invisível?" [...] (OSTROWER, 1995, p.01).

Assim, mantive a escolha das linguagens corporais e visuais, traduzidas pelas imagens dos "Atos I, II e III" e pela vídeo performance "A-LUSÃO". Em suma, optei por não utilizar os registros de criação e as poesias inicialmente destinadas à serem expostas com as demais obras, refinando o espaço entre as obras e tornando sua visualização mais harmônica.

Ao não expor os registros textuais, finalizei as obras da exposição incluindo um dos artefatos presentes nas fotografias: as cordas. Intitulada como "AMARRAS?", a obra - colaborativa - completaria a trilogia de obras de OUT OF BODY, com o intuito de instigar o espectador a envolver-se com a sensação do controle, ou neste caso, sua ausência. A obra é primeiramente ligada à Epilepsia, mas representa com facilidade todas as demais condições aqui pesquisadas.



CRIANDO CORPOS
PARA O INVISIVEL

Para criar a vídeo performance "A-LUSÃO", registrei diferentes movimentos executados pelas modelos presentes nos "Atos I, II e III" (Bruna e Juliana), mas desta vez, buscando dar ênfase para partes distintas do corpo, como a pele, os olhos, as mãos, braços, e outros. Nesta obra, fez-se possível obter mais liberdade corporal, tanto nos movimentos quanto nas expressões.

O conceito deste vídeo baseia-se na ressignificação através da leveza e suavidade do corpo, utilizando de um viés harmonioso e convidativo, possuindo uma maior iluminação e tonalidades mais claras, contrastando entre o leve e o intenso. Estas performances não se baseiam em um roteiro, embora recorram à "alusão" das obras anteriores como fragmentos perdidos em vislumbres.

Como citei em alguns dos capítulos anteriores, muito busquei acerca de como criar um corpo para o invisível e como solucionar o questionamento de criar algo que possuísse a potência representativa acerca da Epilepsia. Por isto, optei por incluir-me em alguns dos registros de auto performance para a obra, uma vez que fez-se claro que o corpo que eu tanto buscava para representar tal questão já existia.

Intitulado como "A-LUSÃO" o vídeo [[S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (1:40 min)]¹ segue uma proposta de edição que estimula o visual imagético leve e fluído representado pelas modelos, intercalando-se com pequenos momentos - vislumbres, memórias erráticas - que completam as obras anteriores e as seguintes, buscando construir uma relação de respiro e conforto visual e emocional. Esta obra pode ser interpretada como uma releitura de todas as imagens anteriores, ressignificada com a finalidade de ser uma referência, uma "alusão" à dupla realidade de vivências para cada corpo e mente.

1. A-LUSÃO. VASCONCELLOS, Carolina. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (1:40min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OczE9-_b0Lc&t=11s.



Figura 27. Bastidores e preparação. Acervo Pessoal. Fotografia Digital. Modelo: Juliana Cecon.

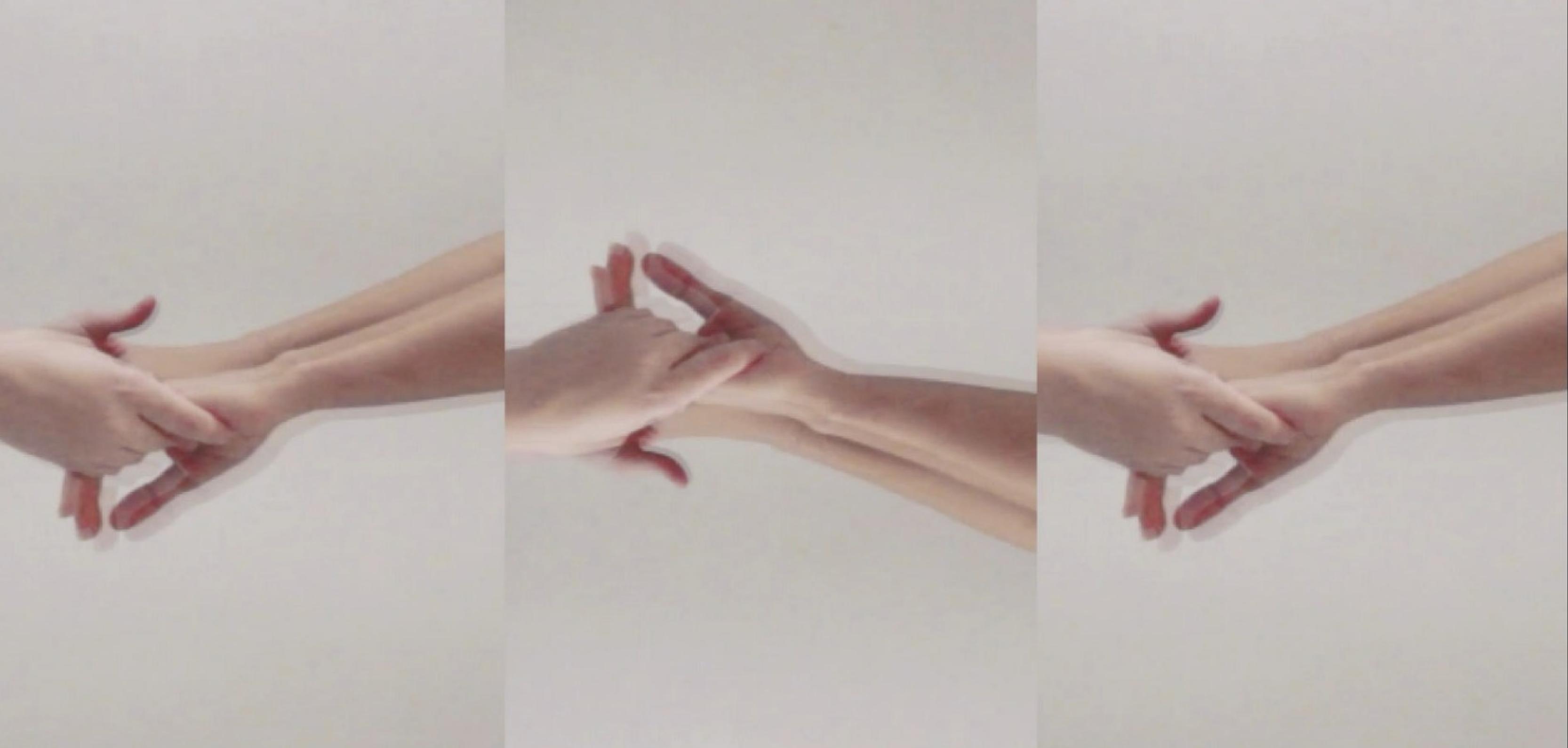


Figura 28. "A-LUSÃO, frame 1". [[S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (1:40 min)]. Vídeo Performance. Carolina Vasconcellos, 2022. Modelos: Bruna Montanari e Juliana Cecon.



Figura 29. "A-LUSÃO". frame 2 [[S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (1:40 min)]. Video Performance. Carolina Vasconcellos, 2022. Modelos: Juliana Cecon.



Figura 30 "A-LUSÃO" frame 3. [[S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (1:40 min)]. Vídeo Performance. Carolina Vasconcellos, 2022. Modelos: Bruna Montanari, Juliana Cecon, e Carolina Vasconcellos.

Arlindo Machado define o ato de "registrar" como:

[...] "algo além da concepção de uma forma de registro e documentação, seguindo para o sentido do termo de um sistema de expressão, através do qual se faz possível forjar discursos sobre o que é o real e o irreal" [...] (MACHADO, pp. 7-8, 1993).

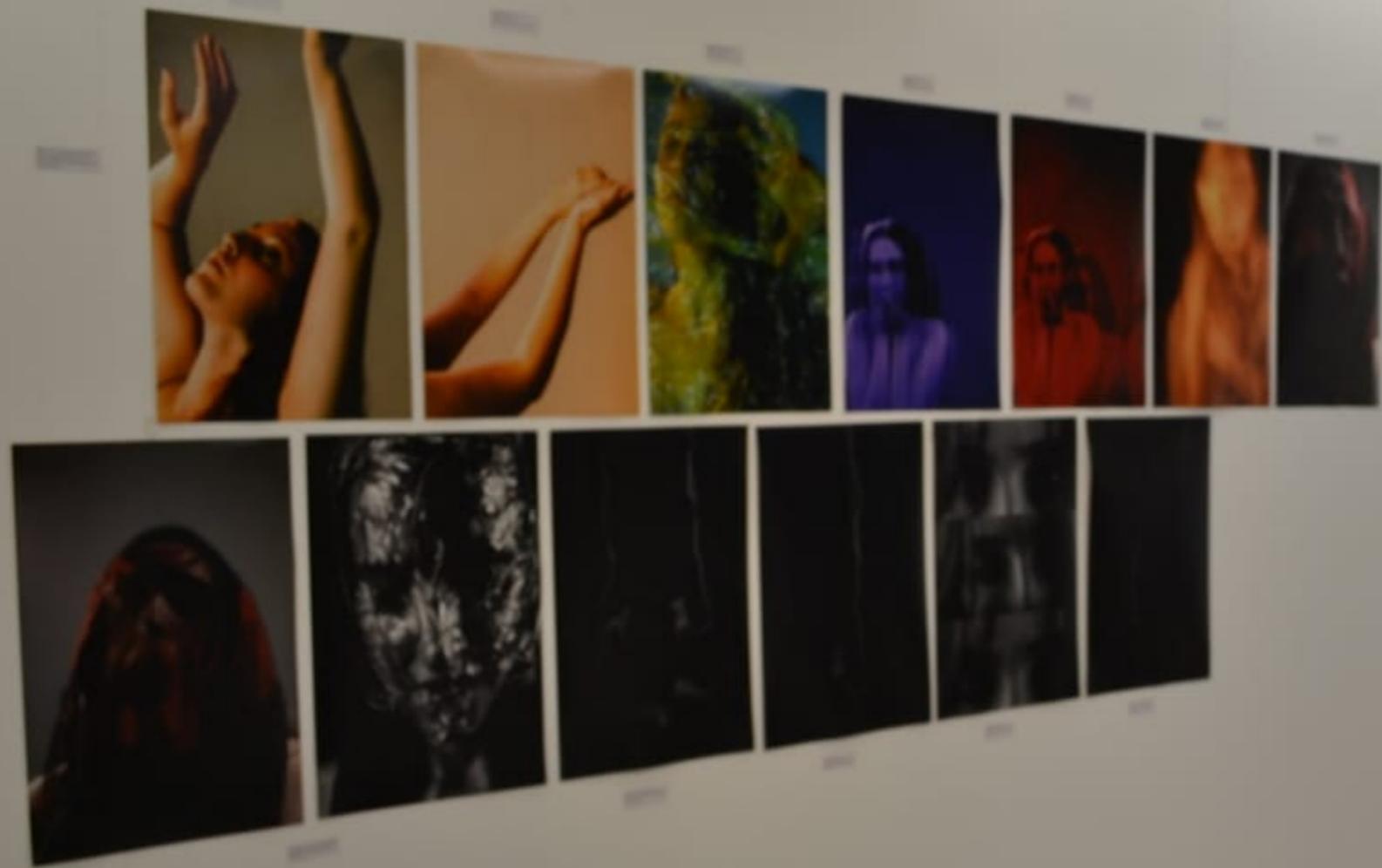
Machado também explica que tudo nos campos do audiovisual pode ser um tipo de fenômeno cultural e social além de artístico, uma vez em que existam certos meios de desenvolvimento de expressão que nos leve à compreender as possibilidades de uma linguagem tanto diversa quanto híbrida e independente, que se derivam das grandes produções e técnicas do cinema ou de vídeos de arte através dos anos.

O [...] "significado sempre estará ligado à proposta estética do vídeo como forma de comunicação" [...], sendo, [...] "algo que se transmite pelo vídeo e algo que só se transmite porque o vídeo opera com formas e modos de articulação comuns no processo de criação." [...] (MACHADO, p.10, 1993).

Em resumo, estas técnicas podem ser encontradas no processo de criação da obra "A-LUSÃO" e em suas subjetividades, uma vez que a arte se configura como abstrata, mesmo possuindo uma mensagem e um objetivo de comunicação claros que são demonstrados através de movimentos, olhares, expressões, e cenas fluídas. Tal como:

[...] "a arte do vídeo tende a se configurar mais como processo do que como produto, sendo uma contingência semiótica que fundamentalmente descontinua e fragmenta suas mensagens, certamente trazendo consequências aos níveis de "leitura" operada pelo receptor." [...] (MACHADO, p. 15. 1993).

Desta forma, compreende - se que o próprio processo e resultado de uma vídeo arte e/ou vídeo performance sempre tenderá à carregar sua própria autonomia, demanda resultada de uma leitura livre realizada pelos espectadores, independentemente de quais sejam suas subjetividades e clarezas, de forma a anular os objetivos e significados da obra, mas ainda assim, recriar os limites estabelecidos.



JANELAS ABERTAS E PONTES
CRUZADAS: OLHARES EXTERNOS

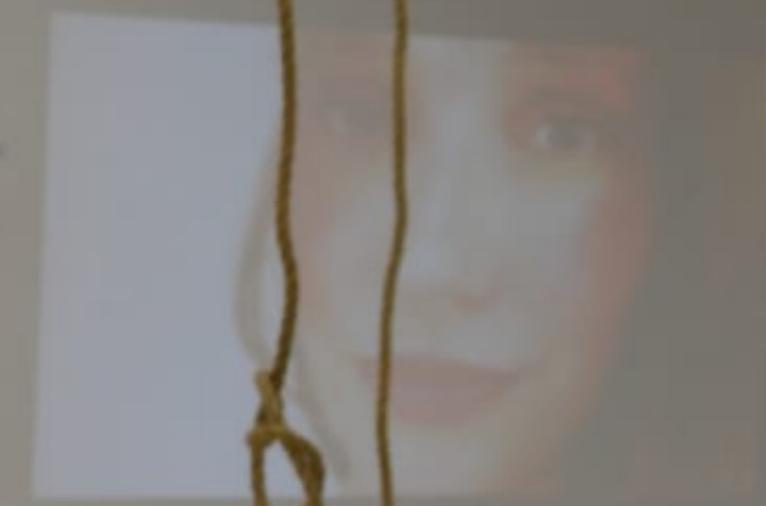




Figura 31.
Atos I, II e III". OUT OF BODY.
Fotografia Digital.
Carolina Vasconcellos, 2022.
Exposição VIESES, PUC CAMPINAS.
Registro: acervo pessoal.

Para a parte final do projeto, que teve início em meados de agosto, trabalhamos em conjunto com o planejamento e a curadoria realizados pela Profa. Me. Andreia Dulianel, ao repensarmos as exposições experimentais coletivas e co-ligar as temáticas dos demais estudantes e seus projetos.

Com parte de minhas obras prontas, optei pela primeira data disponível para a montagem das exposições, que ocorreu em 04/10, com abertura em 05/10/2022.

Mantendo a consciência de que o espaço da Galeria da Faculdade de Artes Visuais seria compartilhado, dispus as obras no canto direito ao fundo da galeria, de modo que o espectador pudesse seguir o caminho iniciando sua observação a partir dos “Atos I, II e III”, seguindo para a vídeo performance “A-LUSÃO” e por fim, finalizando o ciclo com a obra interativa “AMARRAS?”. A disposição das obras foi pensada também para que os observadores pudessem estar em meio as três obras, dispostas sem grandes distâncias para que as próprias imagens-obra pudessem se encarregar de criar o ambiente imersivo.



Figura 32. Atos I,II e III” e a obra interativa “AMARRAS?” em processo de montagem no dia 04/10/2022. Acervo pessoal.



Após a temporada de exibição das obras, foi possível refletir acerca das interações e dos objetivos originários destinados às obras e ao espaço. Como já mencionado em outros momentos, a finalidade da instalação seria instigar o espectador e despertar seus campos sensoriais através de diversos meios táteis, olfativos, auditivos, entre outros. Porém, com o refinamento das obras e suas ressignificações durante o processo de criação e o processo de pesquisa, como sabemos, a construção deste projeto foi minimizado, resultando em uma interação divergente.

Logo, a instalação tornou-se um campo de exploração visual e tátil, que gerou a imersão sensorial através das imagens, do audiovisual e da obra colaborativa de livre acesso. Ao questionar alguns de meus conhecidos e outros observadores acerca de suas sensações sobre as imagens, muitos relataram a experiência como algo comovente, intenso, inquietante, belo, e algo que nos faz compreender dores, luzes e sombras.

Estes feedbacks mostraram-me que a pesquisa e a exposição atingiram alguns de meus objetivos com sucesso, ultrapassando as expectativas mantidas acerca do resultado. Todavia, estes resultados não foram inteiramente positivos. Em contrapartida, no que diz respeito à imersão interativa física que tanto busquei, não obtive resultados tão satisfatórios. Neste sentido, percebi que houve certo desfalque, possivelmente, pela ausência de outros meios interativos ou colaborativos que levassem as sensações pesquisadas como um meio de vivência mais palpável para os indivíduos que viriam a interagir com as supostas obras.

Figura 33. "Parte dos Atos II e III". OUT OF BODY. Carolina Vasconcellos, 2022. Exposição VIESES, PUC CAMPINAS. Registro: acervo pessoal.



Figura 34. "Instalação OUT OF BODY.
Atos I, II e II; AMARRAS? e A-LUSÃO."
Fotografia Digital.
Carolina Vasconcellos, 2022.
Exposição VIESES, PUC CAMPINAS.
Registro: acervo pessoal.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa teórica e artística foi compreender as perspectivas dos vastos universos que cercam as sensações. Como seres humanos, somos indivíduos únicos e todos os dias vivenciamos experiências similares, mas também, singulares. Ao considerarmos corpo e mente como unidade, é possível compreender a infinitude de nossas sensações e a relação estabelecida entre ambos os campos.

A essência desta pesquisa direcionou-se para a exploração artística do inefável, indescritível e do invisível através de metodologias que se intercalavam entre o prático e o teórico, criando e ressignificando testes e obras, para que, fundamentalmente, fosse possível atingir o propósito de criar obras que transmitissem tanto os significados quanto as vivências acerca das condições pesquisadas.

As referências bibliográficas utilizadas (DUBOIS, Phillipe, 2015; DELLEUZE, Gilles; IN: BACON, Francis, 2007; FARINA, Modesto, 2006) possuem bases ricas e fundamentos sólidos sobre a percepção da sensação e seus demais significados, revelando perspectivas ocultas e necessárias para a compreensão dos temas, visando tanto técnica quanto prática, e desta forma, colaborando para a elaboração do constructo visual e físico das obras.

Contudo, o processo teórico e prático desdobrou-se em diversos caminhos, deixando claro que, a imersão e a compreensão de cada observador e observadora das obras seria divergente da expectativa criada, e que tal reação não controlada estaria automaticamente inclusa na percepção das obras, não alterando o objetivo da pesquisa, ou, da exposição das obras.

Realizar o desenvolvimento da instalação fora de fato, uma atividade muito enriquecedora para a minha futura carreira e para meu currículo artístico. A cada avanço do projeto, algo novo surgia de forma desafiadora e contemplativa, obrigando-me como pessoa e como futura artista visual à buscar outras soluções, transmutando tanto obra quanto artista. Ciente de que cada detalhe seria uma nova oportunidade, compreendi que minha experiência seria isto: um misto de inovação, testes, erros, acertos, e refinamentos constantes de conceitos e possibilidades infinitas.

Então, para mim, a pesquisa revelou-se um ponto e vírgula para um ciclo, uma oportunidade para transmutação e uma nova ponte para se atravessar no sentido de compreensão e admiração de diversas vertentes artísticas.

E assim, finalizo este trabalho novamente citando a fala de Rey:

[...] "O artista deve ser o questionador da própria arte e cultura, pois para a pesquisa, é muito mais importante achar as respostas do que saber fazer as perguntas" [...] (REY,002, p. 127).



APÊNDICE: REGISTROS TEXTUAIS

Estes apêndices referem-se a registros textuais feitos em caderno de artista, como pensamentos acerca do processo de criação, e outras reflexões tanto pessoais quanto artísticas que inicialmente fariam parte da instalação exposta, mas por motivos de coerência narrativa e visual durante o processo de montagem, os poemas não se encaixaram na exibição final juntamente com as demais obras.

Para criar estes registros, optei mais uma vez por uma linguagem em consonância com a pesquisa como um todo, ressoando os trabalhos criados, temáticas e sub-temáticas trabalhadas, de forma que esta nova linguagem complementasse a construção da conexão entre obra e observador.

“Vibrações”

*barulho alto, muito alto
corpo que vibra
mentes estremecidas
entorpecidas minutos à fio
mente enlouquecida, eloquente, imprudente
se perde no real
abre alas na irrealidade silenciosa
incerta
e
incessante.*

“[C]alma”

*A calma que acalma a alma
Me foi e me é,
roubada.
Silenciada, a voz que busca no silêncio,
A cura que se demora
A ternura longe das mãos.*

Invasor”

*Saia, eu peço
deixe-me ter
voracidade e vivacidade,
deixe-me ser
deixe-me estar.*



REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

DELLEUZE, Gilles; BACON, Francis. *Francis Bacon: Lógica da sensação*. Rio de Janeiro, RJ. Editora Jorge Zahar LTDA, 2007.

DUBOIS, Phillipe. *O Ato Fotográfico*. Campinas, São Paulo. Editora Papirus, 2015.

FARINA, Modesto. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. IN: PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. São Paulo, SP. 5ª Edição. Editora Edgard Blutcher LTDA, 2006.

MACHADO, A. *O vídeo e sua linguagem*. Revista USP, [S. l.], n. 16, p. 6-17, 1993. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i16p6-17. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25681>. Acesso em: 24 nov. 2022.

OSTROWER, Fayga. *Acasos e Criação Artística*. Rio de Janeiro, RJ. 8ª Edição. Editora Campus-Elsevier, 1995.

REY, Sandra; *O meio como ponto zero: Metodologia de pesquisa em artes plásticas*. IN: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. Porto Alegre, RS. 1ª Edição. Editora UFRGS, 2002.

BIOGRAFIAS

FORTES D'ALOIA E GABRIEL. Ernesto Neto e Obras. Disponível em: <<https://fdag.com.br/artistas/ernesto-neto/obras/>>. Acesso: 27 de Maio de 2022.

PORTAL LYGIA CLARK. Máscara Abismo. Disponível em: <<https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/213/mascara-abismo>>. Acesso em: 27 de Maio de 2022.

ICONOGRAFIA

CARDIN, Josephine. *Imprisoned by dark*. 2015. Acesso: 20 de abril de 2022. Disponível em: <https://cardinphotography.com/imprisoned-by-dark>.

CARDIN, Josephine. *Feels Like*. 2015. Acesso: 11 de Maio de 2022. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/29867521/Feels-Like>.

CARDIN, Josephine. *Ground Underneath*. 2014. Acesso: 24 de abril de 2022. Disponível em: <https://cardinphotography.com/ground-underneath>.

CARDIN, Josephine. *Comfort in chaos*. 2015. Acesso: 24 de abril de 2022. Disponível em: <https://cardinphotography.com/comfort-in-chaos>.

GOODMAN, Marian. Marian Goodman Gallery. *Untitled*. 1979-1980. Acesso em 17 de Maio de 2022. Disponível em: <https://www.mariangoodman.com/exhibitions/298-francesca-woodman/works/artworks24786/>.

HARDY, Rosie. *Prisoner of my Own*. 2015. Acesso: 17 de Maio de 2022. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/rosie_hardy/20039190969/.

ORMANDO, Francesco. Crow, the Raven Said. Acesso: 16 de Maio de 2022. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/13626743/Crow-the-Raven-said>.

TOMAAS. The Adoration Of the Magi., [s.d] Acesso: 18 de Maio de 2022. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/94236079/The-Adoration-Of-The-Magi-By-TOMAAS>.

TURTAUT, Pierre. PLASTIC QUEEN., [s.d] Acesso:18 de Maio de 2022. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/56166273/PLASTIC-QUEEN>.

VÍDEOGRAFIA

A-LUSÃO. VASCONCELLOS, Carolina. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (1:40min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OczE9-_b0Lc&t=11s. Acesso em: 16 de Novembro de 2022.

PAINTED. McDOWALL, Duncan; SAYKALY, Dorotea. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (5:13min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pd2KM3qjcKk&t=100s>. Acesso em: 10 de março de 2022.